

ao cativo ou à punição, no que se quer encarnar um culto heróico à liberdade, tem fascinado a muitos historiadores e publicistas que, na exaltação da República, quase chegam a lamentar o seu extermínio. Mas acima dessa idolatria incondicional pela liberdade que pode, em sua cegueira sectária, confundir coisas distintas e descobrir intuítos liberais onde houve apenas o instinto de salvação, para o respeito pela cultura e civilização dos povos. Em nome da civilização e progresso futuros da colônia lusitana, tem-se acreditado justo e permitido deplorar-se o insucesso do domínio holandês no Brasil.

A todos os respeitos menos discutível é o serviço relevante prestado pelas armas portuguesas e coloniais, destruindo de uma vez a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro, nesse novo Haiti, refratário ao progresso e inacessível à civilização, que Palmares vitorioso teria plantado no coração do Brasil. E esse sucesso não foi produto de uma ação fácil e sem perigo. Custou, ao contrário, à tenacidade e previdência do governo colonial, grandes sacrifícios de homens e de dinheiro.

( **Os Africanos no Brasil**, pp 119-121. Revisão e prefácio de Homero Pires São Paulo, Editora Nacional, 1932. Coleção "Brasíliana", vol. 9. Na quarta edição, publicada em convênio com o Instituto Nacional do Livro, em 1976, o texto transcrito encontra-se às pp. 76 a 78 ).

\*

## RELAÇÕES ANTIGAS ENTRE A ÁSIA ORIENTAL E A AMÉRICA OCIDENTAL ( Humboldt )

Julgo ter demonstrado que os povos ocidentais do antigo continente tinham tido relações com a Ásia oriental muito antes da chegada dos espanhóis. A analogia dos calendários mexicanos, tibetanos e japoneses, das pirâmides de degraus orientadas com toda a exatidão, os mitos antigos acerca das quatro idades, ou os quatro cataclismos do mundo, e a dispersão da raça humana depois de uma grande inundação, são outros tantos indícios em apoio de tal crença.

(...) As antigas relações entre o oeste da América e o oriente da Ásia são, no meu parecer, mais que verossímeis; mas por que caminhos e com que raças da Ásia se realizou esta comunicação? É impossível, por hoje, determiná-lo. Devia ser bastante pequeno o número de indivíduos, pertencentes à ilustrada classe sacerdotal, para produzir grande mudanças

no estado político da América Ocidental. As fábulas, em outro tempo espalhadas, de expedições chinesas ao Novo Continente, limitam-se, realmente, a viagens por mar ao Fusang e ao Japão. Pode também, por outro lado, ter acontecido que japoneses ou Sian-pi da Coréia fossem arrojados pela tempestade às costas da América. Está demonstrado historicamente que Bonzes e outros aventureiros navegaram pelo mar da China para irem buscar um remédio que desse a imortalidade aos homens. Assim foi que, no tempo de Tshin-chi-huang-ti, 209 anos antes da era cristã, trezentos pares de rapazes e moças, enviados ao Japão, se estabeleceram em Nipon, em vez de voltarem à China. Não poderia o acaso ter levado expedições semelhantes às ilhas atlânticas, ao Alasca ou à Nova Califórnia? Correndo, do noroeste para sudoeste, as costas ocidentais da América, enquanto que se inclinam de nordeste para sudoeste as costas orientais, a distância entre ambos os continentes, pelos 45º de latitude, na região temperada, a mais favorável ao desenvolvimento intelectual, é demasiadamente considerável para que se tenha podido estabelecer-se, fortuitamente, uma colônia asiática nessas paragens. É, pois, preciso supor que o primeiro desembarque se verificou no clima inóspito dos paralelos 55 e 65, e que a civilização se estendeu, pouco a pouco, de norte a sul, na direção que seguiu, geralmente, a marcha dos povos na América. Pretendia-se até ter achado, nos princípios do século XIV, nas costas de Quivira e de Cibora (Eldorado do Norte) restos de navios procedentes de Catai, quer dizer, do Japão ou da China.

Conhecemos bem pouco, todavia, os dialetos americanos, para que possamos completamente perder a esperança de que, em tão grande variedade de idiomas, haja alguns que tenham sido falados ao mesmo tempo, ainda que com modificações, no interior da América Meridional e da Ásia, ou que deixem entrever, pelo menos, antiga unidade de origem. Tal descoberta seria certamente das que poderiam lançar mais luz sobre a história da raça humana. Mas as analogias das línguas não merecem confiança senão com a condição de não nos demorarmos nas consonâncias das raízes, e de penetrarmos na estrutura orgânica, nas flexões gramaticais e em todo o maquinismo onde se revela o trabalho da inteligência.

( **Quadros da Natureza**, vol. I, pp. 161/163.  
Trad. de Assis Carvalho; pref. de F. A. Raja  
Gabaglia. Rio de Janeiro, Jackson, 1964.  
Col. "Clássicos Jackson", v. 34 ).

\*

\*

\*